

Rede Manchete: um estudo de caso*

Renan Milanez Vieira
Universidade Estadual Paulista – Unesp

Índice

Introdução	1
1 Os primeiros passos da Rede Manchete	2
2 A contribuição histórica pela teledramaturgia	3
3 A venda da Rede Manchete no final do Governo Collor (1992-1993)	5
4 A reestruturação por meio das novelas históricas	7
5 A Rede Manchete em 1998	8
6 Considerações sobre a trajetória da Rede Manchete	13
Referências	15

Resumo

O objetivo deste artigo é verificar a trajetória da Rede Manchete de Televisão. A emissora foi fundada pelo empresário Adolpho Bloch em 1983 e foi uma das cinco maiores redes do Brasil. A Rede Manchete se destacou no jornalismo e na teledramaturgia, além de contribuir na disseminação da cultura pop japonesa com a exibição de séries e animações japonesas.

*Renan Milanez Vieira é graduado em jornalismo pela Universidade Estadual Paulista – campus Bauru/SP. Orientação: Prof. Ms. Maria Helena Gamas. renanmilanez@hotmail.com.

Palavras-chave: história da televisão brasileira, TV Manchete, patrimônio histórico.

Abstract

The objective of this article is to tell the Rede Manchete trajectory. It was found by the business man Adolpho Bloch in 1983 and it became one of the biggest TV broadcast in Brazil. Rede Manchete stand out in Journalism and in soap operas. Over there, it contributed for the Japanese pop culture become popular with the exhibition of the cartoon about it.

Key words: Brazilian television history, TV Manchete, history heritage.

Introdução

ADOLPHO BLOCH nasceu no dia 8 de outubro de 1908 na Ucrânia. Sua família era de origem judaica e seu pai, tipógrafo, tinha uma gráfica na cidade em que moravam. Na década de 20, em virtude da Revolução Russa, a Ucrânia foi alvo de várias manifestações políticas, que resultaram na formação da República Soviética da Ucrânia. Foi também um período de várias perseguições a grupos sociais, como os de origem judaica. Temendo essa perseguição,

a família de Adolpho Bloch decidiu sair do país para se refugiar em outro local. Embora tivessem intenção de ir para os Estados Unidos, Adolpho e sua família acabam se refugiando no Brasil. Chegam ao Rio de Janeiro em 1922.

Após se instalarem na cidade, a família Bloch criou, no Rio de Janeiro, a gráfica Joseph Bloch & Filhos. Os serviços inicialmente se restringem à impressão de folhetos, convites e mapas. Com o tempo, a gráfica cresce e passa a imprimir publicações editoriais de outros grupos de mídia, como revistas e suplementos.

Na década de 50, Adolpho Bloch, considerado como um empresário de sucesso no ramo gráfico, tinha o sonho de ter sua própria revista semanal. Nessa época, o empresário já tinha publicado títulos em outros segmentos editoriais, faltava-lhe mesmo um periódico que cobrisse os principais acontecimentos históricos do mundo. Foi com esse objetivo que nasceu a revista Manchete. Logo na primeira edição, esclarece Oliveira (2004), Manchete já mostrou bons resultados em vendas, a publicação esgotou nas bancas em três dias. O sucesso alcançado com a revista Manchete fez com que os negócios de Adolpho Bloch crescessem, montando a Bloch Editores, que além de Manchete, lançou outras revistas, como Pais e Filhos, Ele e Ela e Mulher de Hoje.

Os investimentos em rádio e televisão ocorreram a partir da década de 80. Foi nessa época que Adolpho Bloch lançou as redes de rádio Manchete FM, com cinco emissoras no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e Recife) e Manchete AM (Rio de Janeiro). Já o projeto da Rede Manchete de televisão só se concretizou em 1983.

1 Os primeiros passos da Rede Manchete

Adolpho Bloch desembolsou 50 milhões de dólares para o desenvolvimento inicial da Rede Manchete. No dia 5 de junho de 1983, domingo, às 19h, iniciavam-se as transmissões da Rede Manchete. A emissora iniciou com um discurso do presidente da televisão e do grupo Bloch, Adolpho Bloch, seguido por depoimento de políticos. Em seguida, entrava no ar o show intitulado “Mundo Mágico”, seguido, às 22 horas, pela exibição do filme “Contatos Imediatos de Primeiro Grau”, de Steven Spielberg. A programação de estréia da TV Manchete saiu do ar à uma da manhã. Quanto aos resultados, Mattos (2002) destaca que sua estréia abalou a liderança em audiência da Rede Globo:

A estréia da Rede Manchete foi excepcional, atingindo picos de audiência que incomodaram a Rede Globo. “O Mundo Mágico” atingiu a marca de 33 pontos no ibope contra 35 do “Fantástico, o show da vida”, da Globo. O filme de Spielberg, por sua vez, alcançou, naquele dia, a liderança de audiência, obtendo 27 pontos contra apenas 12 da Globo (MATTOS, 2002, p. 197).

A linha de programação da Manchete foi a de oferecer uma opção de qualidade na televisão, com atrações voltadas para as classes A e B, ou seja, para um público de maior poder aquisitivo. Pode-se dizer que os pilares de conteúdo eram o jornalismo, filmes, séries e a programação infantil.

O “Jornal da Manchete” era um dos principais programas da emissora. Essa primeira

versão se destacava pela duração. O jornal tinha quase duas horas de duração e era dividido em vários blocos, como *Manchete Esportiva*, *Manchete Panorama*, entre outros. Outro destaque veio com o programa *Clube da Criança*, apresentado por Maria da Graça Meneghel, mais conhecida como Xuxa. O *Clube da Criança* foi o primeiro programa de auditório no Brasil totalmente formado por crianças e alcançou grande sucesso.

Em 1984, a Rede Manchete adquiriu os direitos de transmissão do carnaval do Rio de Janeiro e transmitiu com exclusividade os desfiles das escolas de samba na Marquês de Sapucaí. O grande evento garantiu a liderança em audiência e foi considerada a segunda vitória sobre a Rede Globo, a emissora líder em audiência no Brasil. O sucesso criou uma tradição da emissora dos Bloch na cobertura do carnaval. No mês de agosto desse ano, ocorreu o primeiro investimento em teledramaturgia, com a minissérie “A Marquesa de Santos”.

A Rede Manchete acumulava desde a estréia um prejuízo de 80 milhões de dólares. Nessa mesma época a emissora tinha uma dívida de 34 milhões de dólares. No mês de setembro, a emissora enfrentou sua primeira greve de funcionários devido ao atraso no pagamento de salários. Foi também nessa época que a direção da televisão decidiu reformular a programação, diversificando mais suas atrações. Desse modo, atrações mais populares, como o programa “De Mulher para Mulher”, de Clodovil Hernandes, e um show de variedades comandado por Pepita Rodrigues e Carlos Eduardo Dolabella, entraram no ar. No entanto, essas estréias não alcançaram o sucesso esperado pela direção da Manchete, o que fez com que a crise se acentuasse mais. Para agravar ainda

mais a situação, a apresentadora do *Clube da Criança*, Xuxa, troca a emissora de Adolpho Bloch pela Rede Globo. Como resultado da crise, cem funcionários foram demitidos e a linha de shows, composta por programas musicais e humorísticos foi desativada.

A situação da TV Manchete só melhorou no segundo semestre de 1987, com a estréia da nova apresentadora do programa *Clube da Criança*, Angélica Ksyvicks. A fórmula para o sucesso dessa nova fase, como destaca Francfort (2008), estava no carisma da apresentadora e na exibição de um gênero de séries japonesas que se tornaram um grande fenômeno de audiência e popularidade no final da década de 80: “Além do carisma de Angélica, os desenhos e o lançamento de séries de heróis japoneses fizeram com que o *Clube da Criança* se tornasse uma alternativa àqueles que só assistiam à Xuxa”.

2 A contribuição histórica pela teledramaturgia

A teledramaturgia foi outra área que marcou a história da Rede Manchete, junto com a transmissão do Carnaval e das séries japonesas. Foi a partir da década de 80 que se iniciou o primeiro ciclo de superproduções de novelas, que alcançaram prestígio e reconhecimento pelo público e pela imprensa.

Em 19 de julho de 1989, a Rede Manchete estreou a novela *Kananga do Japão*. O enredo ocorria na região da Praça XI, centro do Rio de Janeiro, mais precisamente num cabaré chamado *Kananga do Japão*, no ano de 1929, a partir da grande crise econômica que afetou o mundo. Dentro dos vários núcleos da novela, havia um que se destacava, pois contava a história da família Bloch e

como se deu sua chegada ao Brasil. O desejo de Adolpho Bloch em mostrar para os brasileiros sua história impulsionou os investimentos em Kananga do Japão, que tinha por objetivo atrair faturamento para que a emissora pudesse investir mais no gênero. Kananga do Japão teve 208 capítulos e foi exibida até 25 de março de 1990. Com o sucesso em audiência e faturamento a Manchete alcançou condições para continuar produzindo novelas com altos investimentos.

A direção da Manchete, ao definir qual seria a sucessora de Kananga do Japão, decidiu trabalhar com um texto de Benedito Ruy Barbosa, chamado Amor Pantaneiro. A produção dessa novela envolvia grandes investimentos porque havia a necessidade de se fazer filmagens externas, uma vez que as cenas dessa história ocorriam na região do Pantanal, na região do Mato Grosso.

Benedito Ruy Barbosa se inspirou para escrever Amor Pantaneiro após fazer uma viagem para o Mato Grosso, onde conheceu a região do Pantanal. Admirado pelas belezas naturais da região, decidiu que aquele local seria o palco de sua novela. Nessa época, o autor era contratado pela Rede Globo, porém, a emissora não se interessou pelo projeto devido aos custos e riscos em se gravar na região do Pantanal. O autor, então, aceitou uma proposta para trabalhar na Manchete em razão da oportunidade de produzir seu projeto no Pantanal. Nasceu desse modo Pantanal, que, segundo, Francfort (2008), foi uma produção que marcou uma nova era na teledramaturgia, com inovações na forma de produzir novelas e com o sucesso de público e crítica:

Ainda hoje, quando as pessoas lembram da Rede Manchete, in-

variavelmente se recordam de Pantanal, seu grande sucesso. Muitos pesquisadores e jornalistas acreditam que existiu uma televisão antes de Pantanal e outra depois. Porque, pela primeira vez, a hegemonia da Globo era quebrada por outra emissora depois de décadas. E exatamente na teledramaturgia, o carro-chefe da Globo (FRANCFORT, 2008, p. 152).

Pantanal marcou uma nova linguagem na produção de telenovelas ao explorar a fauna e a flora do Pantanal nas imagens externas, além disso, a novela foi gravada realmente nessa região, não houve o uso de cenografia para recriar a região localizada no Mato Grosso. Pantanal foi exibida de 27 de março a 10 de dezembro de 1990. Foi, de acordo com Francfort (2008), líder de audiência durante sua exibição e, por exemplo, no dia 26 de abril de 1990, “bateu a Globo no Rio em 51 pontos contra 30 e, em São Paulo, por 29 pontos a 27”.

Quando Pantanal estava chegando ao final, criou-se o projeto de uma novela itinerante, cujo tema seria o mundo dos rodeios. Trata-se de A História de Ana Raio e Zé Trovão, obra escrita por Marcos Caruso e Rita Buzzar. Com 251 capítulos a novela percorreu cerca de 14 mil quilômetros, mostrando além de rodeios o mundo circense em todo o Brasil. Foi ao ar de 12 de dezembro de 1990 a 13 de outubro de 1991. Segundo Francfort (2008), a novela alcançou média de 16 pontos de audiência, porém, mesmo com esse bom resultado, não obteve o mesmo sucesso que sua antecessora, Pantanal.

Desse modo, na tentativa de repetir o mesmo sucesso de Pantanal, buscou-se criar

uma produção que reutilizasse dos mesmos elementos que fizeram da obra de Benedito Ruy Barbosa um sucesso, paisagens naturais como palco de uma novela. O local escolhido agora seria a Amazônia. A novela era uma adaptação do livro Galvez, O Imperador do Acre e estreou em 10 de dezembro de 1991 com o nome Amazônia. Devido aos altos custos com gravações na região amazônica, Amazônia representava uma aposta de risco para a Rede Manchete. A direção da emissora decidiu investir na novela, pois esta significava uma oportunidade de retomar o sucesso comercial de Pantanal. Contudo a trama não agradou ao público, pois:

Tratava-se de uma produção complicadíssima, com altos custos que [...] na verdade não foi vista por quase ninguém e transformou-se em um dos maiores fiascos da televisão brasileira. A média do Ibope patinava próxima a míseros dois pontos (FRANCFORT, 2008, p. 152).

Os investimentos perdidos em Amazônia fizeram com que a Rede Manchete entrasse em uma grave crise financeira no ano de 1992. Nessa época, para garantir o pagamento de uma dívida de 60 milhões de dólares, o Banco do Brasil embargou vários bens da TV Manchete. Em um encontro na sede do Banco do Brasil em São Paulo com o então presidente da instituição Lafaiete Coutinho, Adolpho Bloch pediu a renegociação da dívida, solicitando um prazo maior para saldá-la. Diante desse quadro, das dificuldades em se negociar as dívidas com o Banco do Brasil, dos investimentos perdidos com a novela Amazônia, Adolpho Bloch

começou a cogitar a venda da rede de televisão para solucionar esses problemas.

3 A venda da Rede Manchete no final do Governo Collor (1992-1993)

Hamilton Lucas de Oliveira nasceu em São Paulo, 1950. Sua família trabalhava no ramo gráfico e Hamilton também passou a trabalhar na gráfica de sua família, chamada Triunfo. A empresa se especializou em imprimir formulários contínuos, usados em contabilidade bancária e empresarial e bilhetes de loteria. A estratégia para o crescimento da gráfica consistia na aquisição de pequenas gráficas em dificuldade financeira. Logo depois de comprá-las, a família de Hamilton investia nelas para sanar as dívidas e, a partir do momento em que comesçassem a dar lucros, integravam o grupo gráfico. Foi desse modo que Hamilton uniu essas empresas e formou a Indústria Brasileira de Formulários – IBF. A IBF de Hamilton, em 1992, foi um dos grupos que mostrou interesse em adquirir a Rede Manchete de Televisão, após se tornar público o interesse de Adolpho Bloch em vender a emissora.

Após negociações, em 9 de junho de 1992 passaram para as mãos de Hamilton Lucas de Oliveira as cinco geradoras que compunham a TV Manchete, emissoras em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Fortaleza, e as rádios que também pertenciam ao grupo Bloch. O empresário proprietário da IBF comprou por 70 milhões 49% da TV Manchete e passou, pelo acordo, a administrar a emissora de televisão. O controle dos outros 51% da rede seriam repassados após a

quitação de todas as parcelas estipuladas no acordo de venda.

Ficou estipulado também que caso a dívida da televisão fosse superior a 140 milhões de dólares, seria ressarcido pelo grupo Bloch. Na época do acordo, ele foi informado de que as dívidas estavam estimadas em 110 milhões de dólares, porém “ao entrar na Manchete, Oliveira descobriu que Bloch tinha vendido quase todo o espaço publicitário da emissora por quase um ano. Descobriu também que as dívidas eram muito superiores a 150 milhões de dólares”. Ainda assim, o grupo IBF assumiu a Manchete no mês de junho de 1992.

Diante da grave crise econômica herdada da administração Bloch, logo no mês de julho de 1992 a IBF demitiu 670 funcionários. Nessa época o único destaque da programação foi o programa Clodovil Abre o Jogo, apresentado pelo estilista Clodovil Hernandes. A situação da Rede Manchete agravou-se ainda mês no mês de novembro, quando os funcionários deixaram de receber seus salários e Hamilton, diante desse quadro e também pelo fato de o grupo Bloch não ter cumprido a cláusula a respeito do valor da dívida da televisão, decidiu não pagar a última parcela do acordo de venda para os Bloch.

Em 10 de fevereiro de 1993 a IBF devia aos funcionários os salários de dezembro e janeiro. A rede nesse dia saiu do ar por segundos em três ocasiões. Isso foi um aviso dos técnicos à diretoria da Manchete para que seus salários fossem pagos. Nessa época, em todo o Brasil, havia 700 funcionários em greve. No dia 15 de março houve uma invasão de funcionários da Manchete à sede da emissora durante uma

assembleia do Sindicato dos Jornalistas e Radialistas de São Paulo:

30 funcionários invadiram o hall de entrada da Manchete, subiram pelas escadas até o 4º andar, arrombaram a porta do setor de exibição [...] e colocaram no ar o sinal do gerador de caracteres. Um dos funcionários [...] digitou uma mensagem sobre o logotipo da Manchete: Estamos fora do ar, por motivos falta de pagamento dos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e parte do décimo terceiro de 1992 (FRANCFORT, 2008, p. 201).

O episódio foi assunto em diversos jornais na página principal em vários meios de comunicação e chegou ao conhecimento de Adolpho Bloch. O empresário, vendo a situação grave da Manchete, envia uma carta aberta à imprensa, fazendo um desabafo sobre o episódio de venda da emissora para o grupo IBF. No texto Adolpho contou um pouco sobre sua carreira e disse que mesmo em crise mantinha os pagamentos da televisão e que achava que a venda para Hamilton seria a melhor saída para a rede. Ao concluir, disse que entrou na Justiça para rescindir o contrato de cessão de cotas com Hamilton Lucas de Oliveira para retomar o controle da televisão e que seria capaz de recolocar a Rede Manchete em funcionamento pleno.

No dia 23 de abril, o presidente Itamar Franco cancelou a venda da TV Manchete e devolveu o controle da emissora a Adolpho Bloch. Em resposta à decisão, Hamilton entrou, em maio, com recurso na Justiça con-

tra Adolpho Bloch. Mesmo com situação jurídica indefinida, o controle da Manchete ficou nas mãos dos Bloch. O grupo Bloch reassumiu a TV Manchete com uma proposta de pagar todos os salários que não foram pagos pela IBF em 30 dias. No entanto o pagamento só ocorreu dois meses depois.

4 A reestruturação por meio das novelas históricas

O ano de 1994 foi para a Rede Manchete uma época de reestruturação econômica, com o pagamento dos salários atrasados do período da administração IBF. Isso se refletiu na programação da emissora, pois não havia, inicialmente, dinheiro para se investir na cobertura de eventos tradicionais, como a Copa do Mundo, por exemplo. Ainda assim, a Manchete conseguiu transmitir o Carnaval do Rio de Janeiro. Quanto à teledramaturgia, em razão da ausência de recursos, produziu a novela 74.5 Uma onda no ar em parceria com uma produtora independente.

No final de 1994, com a popularidade em alta graças ao fenômeno Cavaleiros do Zodíaco, a emissora dos Bloch conseguiu levantar verba para a produção própria de novelas. Entretanto, por causa de dívidas com o Banco do Brasil e com o Governo Federal, que em 1995 chegavam a 180 milhões de reais, e também pelo receio da emissora voltar às mãos do grupo IBF, foi criada a produtora Bloch Som e Imagem, empresa do grupo Bloch que respondia pela produção de novelas e pelos estúdios onde eram produzidas. Desse modo, a Bloch Som e Imagem produziu a novela Tocaia Grande, baseada no romance de Jorge Amado. Tocaia Grande marca o retorno de produções próprias da

Manchete no campo da teledramaturgia, que desde 1993 não produzia novelas.

Tocaia Grande foi ao ar de 16 de outubro de 1995 a 10 de setembro de 1996. A estréia da novela alcançou apenas 3 pontos no Ibope, resultado abaixo do esperado da direção da Manchete, que investiu 6 milhões na produção. Diante desse resultado, Adolpho Bloch decidiu trocar de diretor e contrata Walter Avancini, que realizou alterações no roteiro da obra e trouxe mais agilidade para a história. Isso fez com que a audiência da novela aumentasse para uma média de 12 pontos no Ibope, segundo Site Rede Manchete – Qualidade em primeiro lugar¹. Os resultados positivos de Tocaia Grande permitiram que a TV Manchete ampliasse os investimentos em novelas e programas de outros gêneros. No entanto, após realizar as alterações em Tocaia Grande, Adolpho Bloch, em novembro de 1995, foi submetido a uma cirurgia para tratar de problemas no pulmão e coração. Na madrugada do dia 18 para o dia 19, aos 87 anos faleceu o presidente do grupo Bloch, Adolpho Bloch. Diante da morte de Adolpho, Pedro Jack Kapeller, seu sobrinho, assume a presidência do grupo e, conseqüentemente da TV Manchete. Uma das primeiras medidas tomadas por Kapeller é investir na popularização da programação da Manchete, o que pode ser percebido a partir do ano de 1996, com a estréia do Programa Raul Gil, aos sábados, e também com programas jornalísticos, como Câmera Manchete e o Na Rota do Crime, que abordavam temas polêmicos e sensacionalistas.

Um dos destaques nessa época foi o Na

¹Rede Manchete – Qualidade em Primeiro Lugar. Acesso em 20 de novembro de 2009.

Rota do Crime. Tratava-se de um programa jornalístico que objetivava mostrar a realidade das periferias das cidades, acompanhando junto com policiais operações de apreensão de drogas, assaltos e fugas de bandidos, ou seja, apresentar cenas fortes para segurar o telespectador. Segundo o diretor da atração, Emerson Lima², a atração baseou-se em um programa de formato semelhante da televisão americana e chamou a atenção da direção da Manchete pelo baixo custo de produção, 30 mil reais mensais, e pela audiência, média de 11 pontos no ibope, no horário em que era exibido, às sextas-feiras à noite.

No final de 1996, definiu-se que Xica da Silva seria a novela que substituiria Tocaia Grande. As chamadas para a estréia da novela começaram a ser veiculadas na TV Manchete a partir de julho de 1996. No dia 17 de setembro do mesmo ano, entra no ar produção, assinada por Walcyr Carrasco e com direção de Walter Avancini. Logo que estreou a novela já demonstrava ser um grande sucesso e era comparada como a sucessora de Pantanal. Xica da Silva, de acordo com o Site Rede Manchete – Qualidade em primeiro lugar³, alcançou média de 17 pontos no ibope.

O ano de 1997 seguia com o projeto de Pedro Jack Kapeller de popularização da programação da Manchete, com novelas, jornalismo polêmico e com as animações japonesas. A emissora mantinha-se embalada no sucesso de Xica da Silva, os Cavaleiros do

²SEQUEIRA, Cléofe Monteiro de. *Na Rota do Crime cobre a Realidade*. In: LOPES, Dirceu Fernandes; SOBRINHO, José Coelho (org). *Edição em jornalismo eletrônico*. São Paulo: Edicon, 2000.

³*Rede Manchete – Qualidade em Primeiro Lugar*. Acesso em 20 de novembro de 2009.

Zodíaco ainda garantiam retorno, não tanto como no início de sua exibição, em 1994 e 1995, mas era também um dos destaques da emissora.

No mês de março de 1997 o projeto de popularização da Manchete prosseguia, com novos programas de auditório, como o Sula Miranda Show e o Mexe Brasil; no jornalismo policial, Na Rota do Crime e Câmera Manchete; e um novo segmento feminino, com o programa Mulher de Hoje, exibido no período da tarde.

Walter Avancini também decidiu a sucessora de Xica da Silva. A próxima novela teria como tema o mundo dos cangaceiros e se chamaria Mandacaru. A produção estreou no dia 12 de agosto de 1997, com elenco composto pela maioria dos atores que atuaram em Xica da Silva. A trama baseava-se no universo do cangaço, na história de Lampião e Maria Bonita. No primeiro mês de exibição, Mandacaru não conseguiu manter a mesma audiência de Xica da Silva, garantindo uma média de oito pontos de audiência durante seus 259 capítulos. Ainda no ano de 1997, o escritor Paulo Coelho cedeu os direitos de sua obra *Brida* para uma versão em telenovela. *Brida* seria então trabalhada como sucessora de Mandacaru.

5 A Rede Manchete em 1998

Em março de 1998, a Rede Manchete reformulou sua grade de programação. O *Jornal da Manchete*, principal jornal da emissora, passou a ser exibido em três edições, às 12H30, 20H30 e 00H00, com cenário e vinhetas padronizados. Claudete Troiano assumiu a apresentação do programa feminino *Mulher de Hoje*. Além disso, a Manchete investiu em atrações populares, com o pro-

grama Magdalena Manchete Verdade e o Domingo Milionário, apresentado por Luiz Thunderbird, Marcelo Augusto e por J. Silvestre.

Dos programas citados, apenas o Domingo Milionário, devido a questões de audiência não permaneceu na grade, foi retirado em abril. Em seu lugar, por meio de parceria com a produtora independente TV Ômega, foi ao ar o Domingo Total, apresentado por Sérgio Mallandro, Virginia Nowicki e Otávio Mesquita. Durante o programa eram realizados diversos sorteios através do serviço telefônico chamado 0900, ou seja, tratava-se de concursos realizados por meio de um número de telefone. Os telessorteios estavam presentes em grande parte da programação da Manchete e era uma das principais formas de a emissora arrecadar dinheiro, inclusive nas transmissões da Copa do Mundo de 1998.

Devido ao evento, o Jornal da Manchete foi transmitido diretamente de Paris logo no início dos jogos, em 10 de junho de 1998. Para garantir as transmissões do evento e também dos telejornais, foram para a França cerca de 140 profissionais. As transmissões da Manchete não alcançaram o retorno desejado em termos de audiência. Fora isso, a proibição do serviço de 0900 prejudicou a emissora, que perdeu uma das suas principais formas de arrecadação de receita. Gastaldo (2001) compara as audiências das principais emissoras brasileiras durante a final da Copa e destaca o fracasso da Manchete na exibição dos jogos em questão:

Na Copa de 1998, a partida final entre Brasil e França teve, segundo dados do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública

e Estatística), uma audiência de 94% dos televisores ligados, somando todas as emissoras de televisão aberta que transmitiram o evento, a saber: Bandeirantes, Globo, Manchete, Record e SBT.

A Rede Globo alcançou participação média de 75% na audiência (o que, projetado para o Brasil, representa cerca de 80 milhões de telespectadores. Já a Rede Manchete alcançou apenas 1% da audiência neste jogo (o que representa pouco menos de 1 milhão de telespectadores em todo o Brasil). Bandeirantes ficou com cerca de 10% , SBT com 7% e Record com 5% (GASTALDO, 2001, p. 6).

Após a exibição da Copa do Mundo, os investimentos da Manchete concentraram-se na novela *Brida*, que estreou no dia 11 agosto, às 19h e teve seus primeiros capítulos gravados na Irlanda. Os investimentos por capítulo eram de 45 mil dólares. Como garantia para atrair os anunciantes, foi firmado pela Manchete um contrato de risco com as agências de publicidade. Se o *ibope* de *Brida* não chegasse a no mínimo 5 pontos no *ibope*, não haveria anúncios na novela. Além disso, a meta da Manchete era chegar a 10 pontos de média. Como *Brida* alcançou apenas 2 pontos de média de audiência, a emissora, pelo contrato, perderia os anúncios. Porém, por meio de uma negociação, recebeu os valores das cotas de publicidade em troca da veiculação de anúncios extras gratuitos.

Brida não trouxe somente prejuízo para a Manchete, mas agravou ainda mais a crise financeira que se iniciara no período das trans-

missões da Copa do Mundo. Logo após o primeiro mês de exibição, a novela mudou de horário, fora exibida às 21h30, no entanto a mudança de horário não trouxe grandes resultados. O diretor Walter Avancini realizou também diversas alterações na trama, investiu em erotismo, ainda assim em vão. Os altos custos de *Brida* e a questão dos anúncios extras prejudicaram também a programação da Rede Manchete, que ficou sem recursos financeiros para seguir com a produções de várias atrações da emissora.

Dessa forma, devido à perda de recursos, a direção da Rede Manchete decidiu extinguir vários programas, como o Domingo Total, o programa Magdalena Manchete Verdade e outros jornalísticos. Bolaños (2004) acrescenta que a crise financeira da Manchete afetou o quadro de funcionários da televisão e a estrutura da rede:

Em 30 de setembro de 1998, a direção da emissora anunciou um corte de 20% do seu total de 1900 funcionários, perdendo apresentadores conhecidos e diretores, e acabando com praticamente todas as realizações próprias [...], depois de já ter perdido quase todos os que realizavam produções terceirizadas, além de várias afiliadas. Um dos últimos a sair foi Raul Gil, que voltou para a Record. A partir daí, [...] a Manchete passou a apresentar uma programação repleta de reprises (BOLAÑOS, 2004, p. 250).

No mês de outubro os atores da novela *Brida* entraram em greve e foram até a

Justiça do Trabalho protestar contra o atraso no pagamento dos salários. No dia 15 de outubro, os estúdios onde eram gravados as novelas da Manchete foram desativados e os atores entraram com um processo contra a emissora devido às questões trabalhistas. Nessa situação, a direção da Manchete decidiu que *Brida* se encerraria no dia 23 de outubro. A novela tinha previsão de ir até o ano de 1999, mas, sem os atores e os estúdios, não havia mais condições de seguir com as gravações. Na sexta-feira, 23 de outubro, o locutor oficial da emissora, Eloy Decarlo, narrou um resumo com o final da trama, intercalando com imagens congeladas e com outras já gravadas dos personagens. Já na segunda-feira, dia 26, no mesmo horário de *Brida*, a Manchete iniciou a reprise da novela *Pantanal*.

Os prejuízos obtidos com a transmissão da Copa do Mundo e com a novela *Brida* prejudicaram a grade de programação da emissora, que teve vários programas cancelados. Fora isso, os funcionários da Rede Manchete haviam recebido parcialmente os salários referente ao mês de setembro de 1998. Os estúdios onde eram produzidos as novelas foram desativados e a Manchete começou a reduzir o quadro de funcionários.

Nesse quadro de crise, o jornal Folha de São Paulo noticiou no dia 23 de outubro de 1998 que o empresário Hamilton Lucas de Oliveira, presidente do grupo IBF, entrou na Justiça para derrubar a liminar que havia passado o controle da emissora, em 1993, para a família Bloch. A disputa judicial só foi definida no dia 18 de dezembro de 1998, quando o juiz Marco Aurélio Fróes definiu que os donos da emissora são a família Bloch. Hamilton Lucas de Oliveira

foi também condenado a pagar 6,5 milhões por danos morais aos Bloch.

Em meio a essa crise, Pedro Jack Kapeller, presidente do grupo Bloch, recebeu uma proposta intermediada pelo banco Pactual de investidores que teriam interesse em adquirir a Rede Manchete. Tratava-se de uma operação que inicialmente sanaria as dívidas da emissora para, em seguida, repassar a televisão aos novos proprietários. No entanto, a negociação não prosseguiu e a Manchete entrou no ano de 1999 à procura de investidores para a realização de parcerias comerciais. Sendo assim, Pedro Jack Kapeller, assinou no dia 3 janeiro um acordo com a Rede Gospel de Comunicação (RGC), empresa pertencente à Igreja Renascer em Cristo. No entanto, essa parceria ainda precisaria ser aprovada pelo ministério das Comunicações. Segundo a Folha de São Paulo,

a RGC Produções Ltda. – que faz os programas da Igreja Renascer exibidos na Manchete – passa a dividir a responsabilidade pela produção, operacionalização e comercialização das cinco emissoras que compõem a rede. O acordo estabelece que quem cria a programação, vende os comerciais e produz os programas é a Renascer, não mais o grupo Bloch. Em troca, a igreja deve pagar um arrendamento – espécie de aluguel –, que pode chegar a R \$ 5 milhões mensais, segundo apurou a Folha (Folha de São Paulo, 9 de janeiro de 1999).

Pelo acordo, a RGC além de assumir a gerência da Rede Manchete, ficaria também

responsável, junto com o grupo Bloch, pelo pagamento dos salários dos funcionários, inclusive os que estavam atrasados desde setembro de 1998. O contrato firmado entre a RGC e o grupo Bloch tinha por duração de 15 anos. Parte dos funcionários voltaram ao trabalho após receberem um dos salários atrasados. Os programas Jornal da Manchete, Programa de Domingo, Mulher de Hoje e Frente a Frente voltaram a ser apresentados. Eles estavam fora do ar desde o dia 22 de dezembro.

O presidente da RGC e da Fundação Renascer, Estevam Hernandes Filho, afirmou em reunião com o então ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga o compromisso de pagar as dívidas da Manchete. Contudo as dívidas da Manchete, em 1999, estavam estimadas em cerca de 500 milhões de reais, sendo que 250 milhões eram com o INSS. As concessões da TV Manchete estavam vencidas desde 1996 e o ministro Pimenta da Veiga estipulou que o grupo Bloch tinha até o dia 18 de maio para regularizar suas dívidas com o governo, sob pena perder as concessões da televisão.

No dia 13 de fevereiro¹², a Folha noticia que a Manchete rompeu o contrato com a RGC. Os funcionários da emissora foram avisados por um comunicado escrito por Pedro Jack Kapeller, que também foi lido parcialmente no Jornal da Manchete do mesmo dia. Oficialmente, o grupo Bloch assumiu a emissora no dia 24 de fevereiro de 1999.

Já no início do mês de março, Kapeller submeteu ao Ministério das Comunicações uma proposta de uma empresa que estaria interessada em comprar a emissora. O intermediador nessa negociação foi o então ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros, que assumiu ministério no

lugar de Pimenta da Veiga. A proposta de compra da TV Manchete, veio do grupo TeleTV, de Amílcare Dallevo. No entanto, o ex-proprietário da emissora Hamilton Lucas de Oliveira, do grupo IBF, havia conseguido em março de 1998 uma liminar na justiça impedindo a venda da Manchete. A família Bloch deveria, então, derrubar essa liminar para poder negociar com o grupo TeleTV. A decisão sobre a propriedade da Rede Manchete saiu no dia 05 de maio de 1999, dando posse à família Bloch. Desse modo, as negociações com a TeleTV retomaram somente em maio.

No processo de venda da Rede Manchete, as concessões, mesmo sendo um bem público, entraram em conjunto com a negociação da venda da televisão. As empresas da família Bloch, que inclui as gráficas, editora, a televisão e a produtora Bloch Som e Imagem foram divididas da seguinte forma: a TV Manchete Ltda. ficou com as instalações (da rede manchete), acervo e dívidas com bancos, INSS e FGTS; a Bloch Editores ficou com a gráfica e os direitos de publicações de títulos como Manchete, Amiga e Pais e Filhos; e a Bloch Som e Imagem ficou com os estúdios de Água Grande, onde eram gravadas as novelas e com os direitos de novelas como Tocaia Grande, Xica da Silva, Mandacaru e Brida.

A proposta de Dallevo, para a transferência das concessões dos cinco canais da rede, consistia em assumir da TV Manchete Ltda. as dívidas trabalhistas, do INSS e também do FGTS. Todas essas pendências somaria cerca de 330 milhões de reais. O restante da TV Manchete Ltda, instalações, equipamentos, acervo e outras dívidas, na margem de 200 milhões de reais, seriam compradas pela empresa Hesed Participações S/C, de

Fábio Saboya. Dessa forma, as duas empresas, TeleTV e Hesed, compraram a Rede Manchete separadamente. A Bloch Som e Imagem e a Bloch Editores continuariam nas mãos da família Bloch.

Com relação aos funcionários, o presidente Amílcare Dallevo submeteu uma proposta aos sindicatos dos radialistas do Rio de Janeiro e de São Paulo o pagamento dos salários atrasados, desde outubro de 1998, em 12 parcelas. A folha de pagamento a ser considerada seria a de agosto de 1998, isso significa que as demissões ocorridas em setembro, início da crise da Manchete, quando a emissora anunciou um corte de cerca de 600 funcionários, seriam canceladas.

Um ponto relevante é que a própria Bloch Editores ficou como uma espécie de fiadora da Hesed, de Fábio Saboya:

A TeleTV assumiu cerca de 1.600 funcionários da Manchete e as dívidas previdenciárias e trabalhistas, estimadas na época em cerca de R\$ 250 milhões.

O banqueiro Fábio Saboya Salles Jr. comprou o passivo da empresa, a parte "podre", forma como os próprios executivos se referiram, aos equipamentos, imóveis e ao CGC da Manchete. Salles Jr. arcou com dívidas de cerca de R\$ 100 milhões.

A Bloch Editores – parte do grupo que controlava a Manchete-, segundo o contrato firmado com o banqueiro, serviria de garantidora do negócio, uma espécie de fiadora (Folha de São Paulo, 4 de novembro de 1999).

Pedro Jack Kapeller e Amílcare Dallevo dirigiram-se no dia 9 de maio a Brasília para assinar a transferência das concessões da Rede Manchete, seguindo o acordo firmado pelo presidente da TeleTV. O documento de transferência foi assinado às duas da tarde e, a partir dessa data, as concessões da Rede Manchete passaram a pertencer ao grupo TeleTV.

6 Considerações sobre a trajetória da Rede Manchete

Ao se analisar a história da TV Manchete, pode-se atribuir a falência da emissora a alguns fatores, entre eles se destacam o modelo de administração da família Bloch e a evolução da dívida contraída pela emissora com bancos e instituições financeiras. A postura administrativa dos Bloch diante de um quadro de crise financeira era a de concentrar todos os investimentos da emissora em uma atração. Essa atração, caso fosse comercialmente bem-sucedida, garantia o resto da programação, ou seja, seria como uma espécie de sustentáculo para toda a programação. Caso os resultados ficassem aquém das expectativas, a rede não somente perderia esses investimentos, mas ficava sem capital para manter a programação e a rede como um todo. Para sair da crise a emissora recorreu ao sistema bancário em busca de investimentos, no entanto, a rede precisava de uma programação atrativa ao mercado publicitário para garantir a sobrevivência da rede e também o pagamento dos empréstimos, pois do contrário, o valor da dívida crescería e a emissora acabaria ficando sem meios para seguir com investimentos. Osmar Gonçalves¹⁴, que foi dire-

tor da Rede Manchete, explica que havia três principais fontes de arrecadação, uma delas vinha pelas atrações jornalísticas, outra do campo da teledramaturgia e a terceira das atrações infantis.

Logo na estréia da Rede Manchete, em 1983, Adolpho Bloch investiu 50 milhões de dólares na estrutura e programação da emissora. Todo esse investimento, no entanto, não alcançou os resultados esperados. Três anos depois da estréia, em 1986, já havia sido contabilizado um prejuízo de 34 milhões de dólares. Diante desse quadro, a administração Bloch decidiu investir ainda mais na emissora, buscando mais recursos e investindo em atrações para as classes mais populares. O sucesso adquirido com as atrações infantis, principalmente com a exibição das séries TOKUSATSU a partir de 1988, trouxeram recursos para a TV Manchete, fundamentais para a manutenção da rede e para investimentos em outras atrações. A teledramaturgia, pelo fato de estar em alta nos anos de 1989 a 1991, também permitiu o crescimento da Rede Manchete e foi nessa época que houve os sucessos com *Kananga do Japão*, *Pantanal* e *A História de Ana Raio e Zé Trovão*.

No entanto, à medida que a Manchete alcançou bons resultados no campo da teledramaturgia, mais se investiu nesse campo. É por esse motivo que se compreende o fato de o prejuízo da novela *Amazônia* ter prejudicado tanto a rede. A baixa audiência da novela não só prejudicou o faturamento da emissora, mas a deixou sem verbas para se investir em outras produções. Dentro desse quadro, sem condições financeiras para investir e com uma dívida crescente, Adolpho Bloch decidiu vender a Rede Manchete, em 1992.

De posse da Rede Manchete, a administração IBF prejudicou a emissora em termos de programação e também em termos financeiros. Funcionários da rede ficaram sem receber seus salários, o que provocou greves e invasões dos funcionários à torre de transmissão da emissora, tornando público a crise que a Manchete se encontrava. Adolpho Bloch, ao ver esse quadro grave, conseguiu cancelar o contrato de venda e reassumiu a direção da Rede Manchete.

A família Bloch assumiu a televisão com uma situação econômica grave, com os salários dos funcionários atrasados. Diante dessa situação, as esperanças da emissora estavam investidas novamente em um programa que atraísse audiência e faturamento para a Manchete. E foi justamente nessa época que começou o fenômeno Cavaleiros do Zodíaco. A exibição dessa animação japonesa não só possibilitou a reestruturação da emissora, como trouxe por meio das animações japonesas vários aspectos da cultura pop do Japão. Em seguida, o sucesso com a novela Xica da Silva também possibilitou a recuperação da Rede Manchete.

O ano de 1998, contudo, foi marcado por vários investimentos equivocados. O desgaste na programação fez com que no mês de março desse ano a grade da TV Manchete fosse alterada. Fora isso, a emissora investiu muito na cobertura da Copa do Mundo de 1998. A transmissão do evento não alcançou os resultados esperados pela direção da emissora e trouxeram muito prejuízo. Fora isso, a proibição do serviço de telessorteio 0900 fez com que a arrecadação da televisão diminuísse.

Diante desse quadro, mais uma vez todas as esperanças e investimentos voltaram-se para a novela *Brida*. O alto custo da nove-

la, a baixa audiência e o contrato com os anunciantes serviram para que a crise da Manchete atingisse projeções preocupantes, com o não pagamento dos salários dos funcionários, em setembro de 1998. A partir disso, passou por uma parceria com a Fundação Renascer, que durou um mês devido ao não cumprimento do contrato por parte da Renascer, até a venda da emissora para o grupo TeleTV.

Ao solicitar o pedido de autofalência da Bloch Editores, Pedro Jack Kapeller enviou um documento à Justiça. Nesse documento, esclarece que a falência da TV Manchete tem relação direta ao modelo de administração empregado na emissora:

Com o alto custo das operações, o universo empresarial brasileiro precisou recorrer ao sistema bancário, uns mais outros menos, dentro da normalidade do mercado. Assim, em 1991, a Rede Manchete de Televisão Ltda. Obteve um empréstimo de 3 milhões de dólares no Banco do Brasil. Foi o início do perverso processo que levou Adolpho Bloch a vender a rede [...] A transação acabou cancelada pela Justiça, levando a TV a ser devolvida à Bloch com novas dívidas e compromissos não cumpridos, e da explosão dos juros sobre empréstimos como mais um subproduto das malsucedidas operações de transferência de ativos e passivos da TV. A tempestade que atingiu a TV finalmente arrastou a Bloch (GONÇALVES, 2008, p. 418).

O modelo administrativo da TV Manchete

influenciou diretamente a evolução das dívidas da emissora. Esses débitos, devidos a vários fatores, principalmente a investimentos mal sucedidos, prejudicaram a outras empresas do grupo, como a Bloch Editores. Dessa forma, pode-se perceber os porquês de Pedro Jack Kapeller enfatizar que a crise da TV Manchete ter afetado todo o grupo Bloch.

Já concretizada a venda da TV Manchete, o jornal Folha de São Paulo denunciou, em 2002, que o acervo da emissora, incluindo programas jornalísticos, como Documento Especial, e novelas, como Pantanal, está se deteriorando no prédio que era sede do Grupo Bloch. Esse local foi lacrado devido a questão jurídica envolvendo questão da sucessão trabalhista da Rede Manchete pela Tele TV. Até a presente data essa questão trabalhista ainda não foi resolvida e o patrimônio da emissora dos Bloch continua lacrado pela Justiça. Perde-se dessa forma a memória televisiva do Brasil, do período que vai desde a saída do regime militar até a democratização do país.

Referências

Referências Bibliográficas

- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. *Mercado brasileiro de televisão*. São Paulo: EDUC, 2004.
- FRANCFORT, Elmo. *Rede Manchete: aconteceu, virou história*. São Paulo: Imesp, 2008.
- GASTALDO, Édison Luis. *Narrando o Fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998*. Intercom 2001.
- MATTOS, Sérgio Augusto Soares. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2. ed., 2002.
- OLIVEIRA, João Paulo; CASTRO, Thell Fernando Gabriel; GODI JUNIOR, Wanderley. *O nascimento, o auge e a decadência das redes Tupi, Excelsior e Manchete*. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Ribeirão Preto, São Paulo, 2004.
- SEQUEIRA, Cléofe Monteiro de. *Na Rota do Crime cobre a Realidade*. In: LOPES, Dirceu Fernandes; SOBRINHO, José Coelho (org). Edição em jornalismo eletrônico. São Paulo: Edicon, 2000.

Periódicos

Manchete é dos Bloch, diz Justiça do Rio. *Folha de São Paulo*. São Paulo, sexta-feira, 18 de dezembro de 1998. Folha Dinheiro.

Renascer quer que fiel pague por TV. *Folha de São Paulo*. São Paulo, sábado, 9 de janeiro de 1999. Folha Ilustrada.

Manchete rompe contrato com Renascer. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Sábado, 13 de Fevereiro de 1999. Folha Ilustrada.

Governo analisa a venda da Manchete. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Terça-feira, 11 de Maio de 1999. Folha Dinheiro.

GONÇALVES, José Esmeraldo; Barros, J. A. (org). *Aconteceu na Manchete: as*

histórias que ninguém contou. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.

Webgrafia

Rede Manchete – Qualidade em Primeiro Lugar. Acesso em 20 de novembro de 2009.